



Na Mídia

02/04/2020 | [Valor Econômico](#)

Distribuidoras estudam rever contratos com geradores

Distribuidoras de todo país começaram a notificar geradores e comercializadores sobre “força maior” diante da crise do coronavírus

Letícia Fucuchima e Rodrigo Polito

Os efeitos da crise gerada pela pandemia do coronavírus chegaram aos contratos do mercado regulado de energia. Desde terça-feira, distribuidoras de todo o país começaram a notificar geradores e comercializadores sobre os potenciais impactos da situação atual, classificando-os como evento de “força maior” que poderia afetar o cumprimento das obrigações contratuais.

Esses avisos ocorrem em meio às preocupações do segmento de distribuição com uma possível sobrecontratação, devido à queda do consumo de energia, e com um aumento da inadimplência por parte dos consumidores.

É o caso da Enel Brasil, que possui concessionárias de distribuição em São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Ceará. A companhia informou suas principais contrapartes que “está realizando uma análise dos seus contratos e do impacto da atual situação”, à luz de medidas recentemente anunciadas por governos locais e pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). “Portanto, a empresa está sinalizando a necessidade de manter um diálogo constante com todos os agentes do mercado, de forma a mitigar o cenário atual de menor consumo”, acrescentou, em nota.

A Equatorial também tomou esse passo e emitiu avisos de “forma preventiva” a geradores e comercializadoras com quem têm contratos celebrados, bem como ao Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), com quem realiza a contratação do uso da transmissão. O grupo é dono das distribuidoras Celpa (PA), Cemar (MA), Cepisa (PI) e Ceal (AL).

No mercado, comenta-se ainda que a Light teria seguido esse movimento. Procurada, a companhia preferiu não comentar.

Segundo a Abradee (associação das distribuidoras), as notificações não significam quebra contratual. “[Os avisos] dizem que existe um problema e que ele precisa ser resolvido. Ninguém pode dizer que a economia continua a mesma”, afirma o presidente da entidade, Marcos Madureira. O executivo observa que a crise atual pode criar um problema sério de caixa para as distribuidoras, que são a “porta de entrada” dos recursos do setor.

Diferentemente do mercado livre de energia, no qual as negociações ocorrem de forma bilateral entre as partes, a aplicação de “força maior” ou “caso fortuito” nos contratos do mercado regulado (os CCEARs) precisa ser reconhecida pela Aneel. Embora faltem muitos passos para eventuais revisões ou quebras contratuais nesses casos, a iniciativa das distribuidoras acendeu um sinal de alerta no setor, por envolver contratos de longo prazo, dados muitas vezes como garantia para obtenção de fPara o ex-diretor da Aneel e presidente da Rege consultoria, Tiago Correia, a alegação de força maior pelas distribuidoras tem fundamento. “Está caracterizada a força maior. A queda da demanda provocada somente pela covid-19 já justifica. Se considerarmos ainda os efeitos do isolamento social, com o comércio fechado e a proibição de aglomeração, o impacto é ainda maior”.

Na visão de Raphel Gomes, sócio da área de Energia do escritório Demarest, a sensação é de que a movimentação das distribuidoras tornou mais urgente uma solução do governo para mitigar os impactos da crise no setor elétrico. “Ainda temos como evitar que o leite seja derramado e que uma questão conjuntural não se torne estrutural”, afirma.

Agentes do setor têm se reunido frequentemente com o Ministério de Minas e Energia (MME) e a Aneel para discutir medidas que garantam o equilíbrio econômico-financeiro do setor.

Correia, da Rege consultoria, defende a reativação imediata da conta ACR, que permitiu à Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) contrair um financiamento da ordem de R\$ 22 bilhões com um pool de bancos para socorrer as distribuidoras, que sofriam com o descasamento de caixa durante a crise energética de 2014. Segundo o especialista, as distribuidoras não possuem balanço para buscarem sozinhas financiamento para lidar com essa crise. O nível de alavancagem médio do setor está em 4 vezes a dívida líquida sobre o Ebitda.

